



Processos de Internacionalização: Conquistas e Desafios no Contexto da URI - Universidade Comunitária

Silvia Regina Canan ¹  Jéssica De Marco ²  Thais Campos da Silva ³ 
^{1 2 3} Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

RESUMO

O artigo apresenta parte de estudos desenvolvidos em projeto de Mestrado e de Iniciação Científica, no âmbito do NEPPES – Núcleo de Estudos em Políticas e Processos de Educação Superior e, também, no âmbito do GIEPES – Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas em Educação Superior e discute os espaços de internacionalização vividos pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – localizada na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Em seus apontamentos, traz as marcas de uma Instituição comunitária, sem fins lucrativos, que nasce de um projeto sonhado e construído por sua comunidade. Nessa perspectiva, a construção dos processos de internacionalização configura-se como grandes desafios, de um lado, e conquistas, muito significativas, por outro. A perspectiva do intercâmbio discente e docente, assim como a possibilidade de participação em grupos de pesquisa nacionais e internacionais, passando por ações de extensão e ensino, tem desafiado a URI a construir possibilidades de internacionalização que vêm nascendo a partir dos convívios e contatos docentes com seus pares, dando vida a convênios com inúmeras Instituições de diversos países.

PALAVRAS-CHAVE

Políticas públicas. Processos de internacionalização. Conquistas e desafios. Universidade comunitária.

Correspondência ao autor

¹ Silvia Regina Canan

E-mail: eaguilar@unicamp.br

Universidade Regional Integrada do Alto
do Uruguai e das Missões, Brasil
CV Lattes

<http://lattes.cnpq.br/8324344636768372>

Submetido: 31 out. 2018

Aceito: 02 abr. 2019

Publicado: 01 maio 2019

 10.20396/riesup.v5i0.8653862

e-location: e019044

ISSN 2446-9424

Chechagem antiplágio



Distribuído sobre



Internationalization Process: Achievements And Challenges In The URI Context – Community College

ABSTRACT

This article present part of study developed in master's project and scientific initiation, de within the framework of NEPPES – Núcleo de estudos em Políticas e Processos de Educação Superior and also De Within the GIEPES – Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas em Educação Superior and discusses the spaces of internacionalization experienced by URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – located in the northwest region of Rio Grande do Sul state – Brazil. In his notes, bears the marks of a Community institution, non-profit, born of a dream project designed and built by your community. In this perspective, the construction of internationalization processes is a major challenge on the one hand, and very significant achievements on the other. The perspective of student and teacher exchange, as well as the possibility of participation in national and international research groups, passing through extension and teaching actions has challenged URI to build possibilities of internationalization that has been born from the conviviality and professor contacts de with their peers, giving life to agreements de with numerous institutions from diferente countries.

KEYWORDS

Public Policy. Internacionalization Processes. Achievements and Challenges. Community University.

Procesos de Internacionalización: Logros Y Desafios En El Alcance URI – Universidad De La Comunidad

RESUMEN

El artículo presenta parte de estudios desarrollados en proyecto de maestrado y de iniciación científica, en el alcance del NEPPES- Núcleo de Estudios en Políticas y procesos de Educación Superior y también en el alcance del GIEPES- Grupo Internacional de Estudios y Pesquisas en Educación Superior y discute los espacios de internacionalización vividos por la URI- Universidad Regional Integrada del Alto Uruguai y de las Misiones- ubicada en la región Noroeste del Estado del Rio Grande do Sul – Brasil. En sus apontamentos, trae las marcas de una institución de la comunidad, sin fines lucrativos, que nace de un proyecto soñado y construído por su comunidad. Así entendida, la construcción de los procesos de internacionalización se configuran como grandes desafios, de un lado, y logros mucho significativos, por otro. La perspectiva del intercambio de alumno y maestros, así como la posibilidad de participación en grupos de pesquisa nacionais e internacionais, pasando por acciones de extensión y ensino, han desafiado la presente universidad a construir posibilidades de internacionalización que vienen surgiendo a partir de los convivios y contatos de los maestros com sus pares, dando vida a acuerdos con muchas instituciones de diversos países.

PALABRAS CLAVE

Políticas públicas. Procesos de Internacionalización. Logros y desafios. Universidad de la Comunidad.

Introdução

O propósito desse artigo é apresentar estudos que estamos desenvolvendo sobre a temática da internacionalização em três projetos diferentes, que convergem entre si, desenvolvidos no Mestrado em Educação e na Iniciação Científica, no âmbito do NEPPES – Núcleo de Estudos em Políticas e Processos de Educação Superior e, também, no âmbito do GIEPES – Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas em Educação Superior e discute, nesse espaço, os processos de internacionalização vividos pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – localizada na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, tendo como fonte de financiamento a FAPERGS e a URI, através de seu programa de incentivo à pesquisa. O artigo será apresentado a partir de quatro partes que são: A URI no processo de internacionalização; Construção e desconstrução do conceito e do processo de internacionalização; Internacionalização: conectando a universidade com o mundo; Finalizando... sobre desafios.

A URI no Processo de Internacionalização

A URI traz as marcas de uma Instituição Comunitária, sem fins lucrativos, que nasce de um projeto sonhado e construído por sua comunidade. Nessa perspectiva, a construção do processo de internacionalização configura-se como grande desafio, de um lado e conquistas já muito significativas, por outro. Em sua constituição, ao descrever os objetivos de sua criação destaca:

7. Incentivar e promover o intercâmbio com outras instituições e organizações científicas e educacionais, nacionais e estrangeiras, visando ao desenvolvimento das Ciências, Letras, Artes e Técnicas. (PAETZOLD; CANAN, 2017, p. 95).

Essa mesma questão é destacada em sua Missão que propõe:

A Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões tem como missão formar pessoal ético e competente, inserido na comunidade regional, capaz de construir o conhecimento, promover a cultura, o intercâmbio, a fim de desenvolver a consciência coletiva na busca contínua da valorização e solidariedade humanas. (PAETZOLD; CANAN, 2017, p. 98).

A perspectiva do intercâmbio discente e docente, assim como a possibilidade de participação em grupos de pesquisa nacionais e internacionais, passando por ações de extensão e ensino, nascem pela Missão da instituição e têm desafiado a URI a construir possibilidades de internacionalização as quais, embora incipientes, vêm nascendo a partir dos convívios e contatos docentes com seus pares, dando vida a convênios com inúmeras instituições de diversos países que, por muito tempo tiveram uma função muito mais protocolar do que de possibilitar trocas entre instituições, países, professores e acadêmicos. Assim, a internacionalização faz parte da história de existência da URI, muito embora, não tenha, em tempos passados, recebido o destaque que vem recebendo nesse momento da

história, fruto de diversos fatores, entre eles, o próprio olhar das políticas públicas para essa temática que é tão relevante, como foi o caso da criação e implementação do Programa Ciência Sem Fronteiras.

Nessa perspectiva, a URI, traz a internacionalização como princípio institucional, destacada em seus documentos (PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional e PPI – Projeto Pedagógico Institucional) e, através de Resolução que dispõe sobre o Programa de Internacionalização da URI (Res. Nº 2114/CUN/2015) além de normativas que são de uso específico dos diferentes Campi da Universidade e que disciplinam, em âmbito interno, como será vivenciado o processo de internacionalização nos Campi (como é o caso das Normativas Internas n. 1, 2 e 3, construídas em um dos campus da Universidade).

A concepção de internacionalização no âmbito da URI, dialoga com o conceito, abordado por Knight (1994), de internacionalização como processo que é definida como sendo um processo de integração da dimensão internacional/intercultural ao ensino, à pesquisa e aos serviços de uma universidade.

Santos Filho (2018, p. 171) comenta que esse conceito foi ampliado pela autora, considerando os muitos vieses assumidos pela internacionalização, os níveis e as realidades atuais:

En esa definición, la internacionalización tiene como característica un proceso dinámico que va hacia más allá de la simple realización de actividades en el ámbito internacional, considerándose precario el uso de ese criterio como indicador del grado de internacionalización de una institución de educación superior.

Essas múltiplas possibilidades que vão desde a mobilidade acadêmica, a expansão de eventos, cursos, programas, projetos, grupos de pesquisa e outras formas de integração que enfatizam temas internacionais, colaboraram com a ampliação conceitual e com o entendimento da URI acerca da internacionalização, ampliando sua visão em relação aos primeiros ensaios nesse campo.

Estudo de documentos da IES demonstra os avanços que as ações pensadas nessa área vêm sofrendo, passando por mudanças que têm um significado importante para a consolidação da internacionalização, fato que denota a importância, também do avanço conceitual, uma vez que, conforme destaca Santos Filho (2018, p.172) “La internacionalización es un proceso dinámico, es decir, un esfuerzo continuado de cambio o evolución y no es un conjunto de actividades aisladas.” Por esse prisma, essas mudanças vão desde o modo como foi sendo vista a internacionalização em documentos e ações construídos, inicialmente, sob responsabilidade dos Reitores (em muitos momentos de forma protocolar, com assinatura de convênios que não resultavam em ações efetivas de parte das Universidades envolvidas), passando pelo conceito que vai sendo incorporado, discutido, pensado, tomando forma e se tornando mais efetivo e mais próximo das relações institucionais que passam a nascer a partir dos grupos de pesquisa, de atividades de extensão, dos encontros em eventos e viagens de estudo, dentre outros, resultando em novas

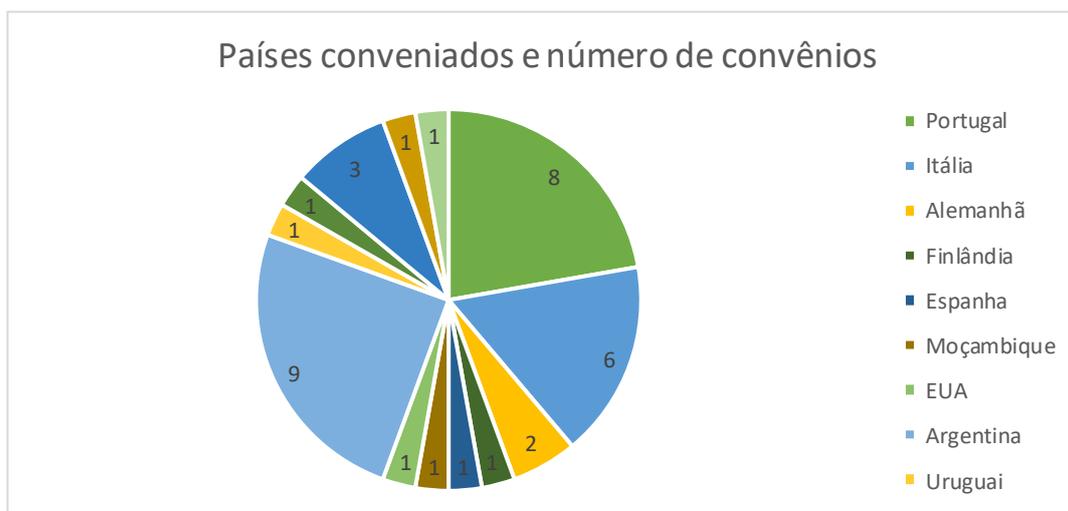
experiências que têm enriquecido a Instituição através de seus cursos, tanto de graduação quanto de pós-graduação (em especial o *stricto sensu*).

Dessa forma, embora muitos países tenham sido conveniados, desde há muitos anos, permitindo vislumbrarmos um interesse pela internacionalização, muitos documentos foram protocolares, não refletiam, de forma mais profunda, o que poderia ser resultado das relações entre universidade, países, cursos, grupos de pesquisas, enfim, com todos os aspectos que se possa trabalhar na perspectiva de internacionalizar.

Inicialmente, os convênios tinham uma aproximação maior com países europeus, já que no momento da consolidação da Universidade (a partir da fusão de antigas fundações isoladas), no início dos anos de 1990, os olhares de boa parte das Universidades Brasileiras estava voltado para aquele cenário, tendo como referência, não somente as universidades que serviram por séculos de modelo para o mundo, senão também, pela proximidade da língua que, em certa medida, devido às fronteiras da própria URI, com países de origem espanhola, permitiam melhor comunicação.

Não raras vezes, a distância e a falta de entrosamento entre professores de ambos os lados do oceano, impediam que esses convênios servissem, efetivamente, como espaços para a internacionalização. Essa realidade já vem mudando nos últimos anos e essa mudança tem permitido que o nascedouro de muitos processos de internacionalização se desenvolva, também, no âmbito dos países ibero-americanos, com um olhar especial voltado à América Latina.

Dados coletados no site da Reitoria da URI, sobre os convênios internacionais vigentes (até o presente momento), mostram que há um equilíbrio, em número de convênios entre Universidades da América Latina e Universidades da Europa e EUA, dentre outras (com uma pequena vantagem dessas últimas). Essa mudança permitiu que o nascedouro de muitos processos de internacionalização se desenvolva, também, no âmbito dos países latino-americanos, como podemos visualizar no gráfico abaixo:

Gráfico 1. Países conveniados e número de convênios

Fonte: dados retirados da web site da Reitoria

Gráfico 1. Países conveniados por número de convênios

Fonte: dados retirados da web site da Reitoria

Sob diferentes prismas, há, pois, uma tendência maior de aproximação com os países da Ibero América, cujos problemas, tensionamentos, conquistas, produções encontram campo fértil para serem estudados e desenvolvidos. Isso tem feito nascer muitos grupos de pesquisas que vão se constituindo e se construindo, a muitas mãos, entre pares que comungam interesses no campo do ensino, da pesquisa e da extensão.

Passados pouco mais de um quarto de século, de criação da URI (sua Portaria de Reconhecimento data de 19 de maio de 1992) esse cenário assume novas perspectivas e, hoje, a internacionalização é uma realidade que vai se impondo, consolidando-se e trazendo novos desafios e necessidades. Vale destacar que os intensos debates sobre a temática têm provocado um amadurecimento do processo, permitindo que o entendimento sobre o que seja internacionalização, passe de uma visão, inicialmente, mais restrita à ideia de intercâmbio de acadêmicos e professores, para acrescentar a ela a construção de convênios, eventos, acordos e termos que tenham seus nascimentos a partir dos desejos e necessidades de professores ou acadêmicos, referendados pelos Reitores, para se tornarem ações efetivas que nascem no bojo

dos grupos de pesquisa, das relações profissionais e pessoais entre colegas, que comungam de temáticas de pesquisa e interesses de estudos comuns.

Ainda assim, há um caminho a ser percorrido para a consolidação da internacionalização na URI. Nesse particular, a Instituição insere-se no que apresenta o relatório de pesquisa de 2017, desenvolvido pela CAPES: “A internacionalização na universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES”, o qual traz evidenciado que a internacionalização brasileira não é mais um processo incipiente, embora as instituições estejam em diferentes momentos desse processo e tenham deixado a desejar no aproveitamento dos conhecimentos obtidos fora do país por profissionais das universidades, sendo para tanto necessário um plano estratégico para a internacionalização, o que está alinhado com a política atual da CAPES. (CAPES, 2017).

A pesquisa evidenciou, também, que “A internacionalização das Universidades Brasileiras é necessária para tornar a educação superior responsiva aos requerimentos e desafios da sociedade globalizada.” (CAPES, 2017, p. 46), o que reafirma o seu caráter dinâmico, e pressupõe um esforço permanente e continuado de mudanças e evoluções a partir de um conjunto de atividades representativas de ações estratégicas e não de ações isoladas, sendo necessário esse olhar também no contexto da URI.

Construção e Desconstrução do Conceito e do Processo de Internacionalização

A internacionalização não é um tema novo nas Universidades, já que a ela ocorrem desde a Idade Média. À época, o conhecimento era o melhor instrumento utilizado para o debate nos confrontos de ideias que eram advindos de intelectuais, que percorriam os lugares com o objetivo de aperfeiçoar conhecimentos. Nessas viagens, as *Universitas* – comunidades internacionais, chamadas também de escolas – eram o palco de atuação para esses debates.

Tais escolas, recheadas da multiculturalidade, por receberem docentes e discentes que vinham de outros países, imprimia às *Universitas* um caráter de honra e glória (STALIVIERI, 2003). É possível dizermos que, já nessa época, os indícios de internacionalização eram relacionados à questão da qualidade da educação, valorizando o intrínseco papel do conhecimento para realizar a “formação do cidadão”. (MARCONDES, 2001, p.42).

Por esse prisma, podemos destacar que, perante as mudanças ocorridas nas sociedades, o fenômeno da internacionalização começou a ser constantemente debatido, principalmente em conferências e eventos internacionais. Como parte desse processo, a Declaração de Bolonha teve papel importante, como podemos observar:

[...] Constituindo um marco preponderante na reforma das instituições de ensino da Europa, o Processo de Bolonha traça como objetivos principais a edificação de um espaço europeu de ensino superior – que viabilize a internacionalização das universidades, facilite a mobilidade de alunos e docentes, promova a empregabilidade dos cidadãos europeus e concorra para o desenvolvimento

económico, social e humano da Europa -, a consolidação e enriquecimento da cidadania europeia e o aumento da competitividade com os outros sistemas de ensino do mundo (em particular os dos Estados Unidos e do Japão) [...] (MORGADO, 2009, p.50).

A Declaração de Bolonha traçou objetivos centrais para um processo que estava se iniciando e, a partir dali, seria um ponto chave para o que, hodiernamente, é classificado como qualidade da Educação Superior, a partir de dois de seus objetivos: “a atratividade e a competitividade” e “a promoção da mobilidade”. (SANTOS; FILHO, 2012, p.67).

Aos poucos, a internacionalização vem se tornando uma aliada ao desenvolvimento tanto acadêmico – e aqui nos referimos ao âmbito acadêmico de uma universidade – quanto da comunidade, pois a internacionalização perpassa o tripé da universidade – Ensino, Pesquisa e Extensão – este último, como um forte braço que expande a identidade da instituição através de diversas ações.

Na qualidade da educação, a universidade, através da internacionalização, pode proporcionar ao indivíduo novos horizontes, novas visões de mundo, reflexão sobre a própria cultura e a agregação de valores de diferentes culturas, preparando este acadêmico para o mundo do trabalho, o qual exige um profissional bem preparado, com facilidade na resolução de conflitos, na inclusão, na interação com outros indivíduos, que na sua própria cultura já se tornam diferentes. Aí a formação do cidadão tolerante, respeitador da diversidade e da coletividade, favorecendo, cada vez mais, a comunidade em que este indivíduo está inserido e, também, permitindo que a cultura do local nacional se torne mais global, rompa barreiras e que dialogue com o diferente. Assim, no preâmbulo da Declaração Mundial Sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação - 1998, a UNESCO corrobora no artigo 11 “Avaliação da qualidade” que:

A qualidade requer também que a educação superior seja caracterizada por sua dimensão internacional: intercâmbio de conhecimento, criação de redes interativas, mobilidade de professores e estudantes e projetos de pesquisa internacionais, levando sempre em conta os valores culturais e as situações nacionais (UNESCO, 1998).

A educação superior no século XXI foi o foco das conferências internacionais que, com esse processo de construção histórica, culminou na determinação de políticas que valorizem o fenômeno da internacionalização como um ponto de desenvolvimento. Altbach (2005, apud CUNHA, 2016, p.61) relaciona a internacionalização a essa questão de política, afirmando que “a internacionalização é definida como variedade de políticas e programas que as universidades e os governos implementam para responder à globalização”. Perante essa visão, o PNE vem ao encontro do que nos diz o autor. Além da universidade necessitar de uma política de internacionalização, os governos estão adotando estratégias, as quais têm uma forte ligação com a cooperação internacional como um meio de desenvolvimento institucional em seus diferentes âmbitos.

Mesmo que de modo implícito, identificamos que no Art. 2º do Plano Nacional de Educação, que estabelece suas Diretrizes, podemos entender que a Internacionalização está vinculada aos itens “IV - Melhoria na qualidade da educação” e II - Promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país”. (BRASIL, 2014, p.43), já que tanto a qualidade quanto a possibilidade de conhecimentos humanísticos, científicos, culturais e tecnológicos são questões atinentes aos propósitos da internacionalização.

Na meta 12.12 do PNE, que se refere à necessidade de atingir um número de cinquenta por cento a taxa bruta de matrícula, mantendo a qualidade de oferta, fica clara a intencionalidade para com a temática, já que uma das estratégias para atingir tal meta faz menção à internacionalização, ao referir-se à mobilidade estudantil:

12.12 Consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade estudantil e docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior; (BRASIL, 2014, p.74).

A estratégia para a meta está na atratividade representativa dessas ações que, ao serem desenvolvidas, chamam a atenção de quem quer ingressar em uma Instituição de Ensino Superior (IES), podendo tornar a mesma uma referência na escolha dos estudantes, por apresentar como um diferencial a possibilidade da mobilidade estudantil. Ainda no PNE, destacamos a meta 13:

Meta 13: Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docentes em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para setenta e cinco por cento, sendo, do total, no mínimo, trinta e cinco por cento doutores. (BRASIL, 2014, p.75).

Dentre as estratégias para desenvolver essa meta e a fim de promover maior qualidade em nível mais alto para a educação superior podemos destacar a estratégia 13.7, a qual dá ênfase à expansão das atividades que são desenvolvidas no tripé da universidade, tornando global - em âmbito nacional e internacional – a visão da instituição.

13.7: fomentar a formação de consórcios entre instituições públicas de educação superior, com vistas a potencializar a atuação regional, inclusive por meio de plano de desenvolvimento institucional integrado, assegurando maior visibilidade nacional e internacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão; (BRASIL, 2014, p.76).

A internacionalização, em seus diferentes prismas, dentro dessas metas e estratégias, favorece o respeito às diferentes culturas, desenvolvendo um forte grau de relacionamento, estreitando parcerias em produções científicas, promovendo experiências que fazem com que o indivíduo possa aprofundar conhecimentos sobre o aspecto cultural, social, político, técnico, enfim, sobre inúmeras questões que elevem os conhecimentos, mas também, numa via de mão dupla, o respeito mútuo, a produção cultural e artística, a inovação, o desenvolvimento científico e tecnológico, corroborando com o que define Knight (2003) de que a internacionalização compreende três dimensões: a internacional, a intercultural e a global as quais se complementam e juntas denotam a riqueza e amplitude da internacionalização.

Há também, o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011 a 2020, documento que permite interessante constatação de que quando foi instituída a Pós-Graduação no Brasil, o grupo de doutores fundadores doutoraram-se no exterior. Logo, a Pós-Graduação carrega, fortemente, o traço de internacionalização na sua origem. O PNPG define as Diretrizes e metas para avançar nas políticas de Pós-Graduação. Assim, ele estabelece uma política de internacionalização e cooperação internacional como pontos chave no “Envio de estudantes ao exterior”, “estímulo a atrair pesquisadores e visitantes”, “publicação em conjunto com outras instituições ou em outras instituições”. (JUNIOR; KATO, 2016, p.5).

É notório que na Pós-Graduação a internacionalização agrega muito para a formação pessoal, intelectual e profissional, ainda mais em um currículo internacionalizado, o qual não é o principal objetivo do fenômeno da internacionalização, mas é fator importante no momento vivido (meados do séc. XXI). Assim, o Plano envereda para uma forma de internacionalização solidária, conforme podemos destacar:

Modelos de internacionalização universitária na pós-graduação podem incluir, também, a implantação de programas consorciados com foco em características e problemas comuns, de forma a enfrentar temas e questões postos pela necessidade estratégica de construir uma integração latino-americana produtiva do ponto de vista econômico e tecnológico, mas fundamentalmente solidária e culturalmente respeitosa da diversidade. (BRASIL, 2010, p.15).

Favorecer o diálogo e a integração entre os países latino-americanos mostra um lado humanístico da internacionalização, em que os países se ajudam, mutuamente, perante problemas comuns, fortificando, ainda mais, a cooperação entre eles. Entendemos que o processo de internacionalização culminou em uma prática tão importante para a universidade e o desenvolvimento da mesma que, ao longo da história e, paulatinamente, as discussões de construção e desconstruções perante o entendimento desse fenômeno não param e torna-se cada vez mais importante o debate para, aos poucos, destrinchar e caracterizar a internacionalização de acordo com a identidade da universidade, sua visão e sua missão.

Além do estímulo aos debates, o grau de importância e o valor dado a este fenômeno foi tomando tamanha proporção que, atualmente, encontra-se em políticas de incentivo a internacionalização, não fazendo com que esta seja um fim, mas um meio para ações e estratégias que a universidade desenvolve. No âmbito dos documentos da URI, a internacionalização vem desenhada através da Resolução nº 2114/CUN/2015, através da qual foi aprovado o Programa de Internacionalização. Nesse documento, resta claro o entendimento institucional sobre o conceito de internacionalização com a clareza de que sua construção é parte de um processo que insere a Universidade no âmbito das demais instituições que já têm uma caminhada maior neste campo. Nesse particular, traz o documento:

[...] o conceito de internacionalização do ensino superior deve estar integrado na cultura organizacional da URI, construindo sua natureza internacional decorrente da universalidade intrínseca ao processo de formar pessoal ético e competente, inserido na comunidade regional, construindo o conhecimento, promovendo a cultura, e o intercâmbio, na busca da valorização e da solidariedade humanas.

E acrescenta dizendo:

Sendo assim, para efetivar o processo de internacionalização institucional, a URI busca desenvolver uma ação planejada, que amplia parcerias com instituições universitárias de diversas partes do mundo, difundindo a sua imagem e preparando-se para interagir com outros povos e culturas na busca do progresso e do desenvolvimento. A inserção simultânea nos planos regional, nacional e internacional, é uma resposta ao fenômeno da globalização como possibilidade de assegurar a qualidade dos recursos humanos, da infraestrutura e das ações e como forma de fortalecer os programas de ensino, pesquisa e de extensão oferecidos pela Universidade. (URI, 2015).

Isso posto, não é demais dizermos que ao colocar o conceito de internacionalização no âmbito da sua missão, a partir de ações planejadas que permitam ampliar parcerias com outras instituições universitárias de países diversos, não ficará excluída do processo de globalização enquanto possibilidade de buscar sempre mais e melhor a formação de seus professores e seus alunos, melhorando aspectos estruturais e pedagógicos no terreno da graduação e da pós-graduação, fortalecendo o tripé identitário da Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo a internacionalização um elemento articulador e transversal, que perpassa todo o processo, qualificando-o.

Internacionalização: Conectando a Universidade com o Mundo

Como já dito, as discussões sobre a internacionalização da educação superior nas últimas décadas vêm se constituindo em um dos principais motes da universidade. As constantes mudanças no cenário global e local, têm suscitado uma nova demanda para o mundo do trabalho que é a de formar em alto nível os profissionais da área. Em virtude da globalização e da centralidade do conhecimento, como uma necessidade de que os países se insiram no mercado global, surge a exigência de que as instituições de ensino superior se insiram no contexto internacional, com o objetivo de possibilitar a troca de conhecimentos, ampliando, assim, a concorrência para o nível internacional, conforme apontam Mesquita e Castilho (2014).

Para compreender os processos de internacionalização faz-se necessária uma compreensão num âmbito mais amplo. O que se entende por internacionalização? Quais são seus objetivos? O ensino superior enfrenta, ao longo de sua trajetória histórica, muitos desafios, como os processos de internacionalização em diferentes graus e tensionamentos de diversas ordens. Para Pereira e Almeida (2009, p. 15), a partir do século XVII desponta o conceito de universidade, tendo como contexto “[...] a divisão e especialização dos saberes através da criação de grandes escolas setoriais e profissionais”. Dessa forma, para as autoras, já havia a busca por uma relação entre a universidade e a indivisibilidade dos saberes por ela desenvolvidos, como também o funcionamento dos Estados-nação. Portanto,

É neste contexto que advém a assimilação de universidade como *universalidade*. Este novo modelo espalha-se rapidamente pela Europa da revolução industrial [...].

As universidades passam assim a estar no topo dos sistemas de ensino. [...] assiste-se, assim, ao início sistemático da investigação científica. (PEREIRA; ALMEIDA, 2009, p. 15).

De acordo com Castro e Cabral Neto (2012), nos anos pós 1945, sob o pretexto e reconstrução da Europa devastada pela Segunda Guerra Mundial, esse processo vai se intensificando, inicialmente com a finalidade de dar assistência técnica aos países afetados pela guerra. Sendo assim, a internacionalização, nesse período, visava ao assessoramento no desenvolvimento de acordos científicos, na mobilidade estudantil e na concessão de bolsas de capacitação.

Denota Knight (2004) que a escassez de universidades foi determinante da peregrinação acadêmica, tendo esse movimento se fortalecido no pós II Guerra Mundial. A mobilidade de discentes e docentes revestiu-se, para além da busca de conhecimento, de caráter econômico, político e cultural, tanto que, nos últimos anos, a globalização econômica tem incrementado o processo de internacionalização das instituições de ensino superior.

Para Santos e Almeida Filho (2012), foi a partir da relação com a indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão, característica primeira da universidade moderna, que essa mobilidade acadêmica se institucionalizou e se incorporou à internacionalização da Educação Superior, a qual, ora evidenciada por novos conceitos, ora reformulada enquanto suas práticas, desenvolveu-se e se transformou em protagonista na atual sociedade do conhecimento. Nesse sentido, Morosini (2006) estabelece uma classificação para os períodos de internacionalização:

Internacionalização da educação superior é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados, apresentando diversas fases de desenvolvimento. São citadas: a) dimensão internacional – presente no século XX, que se caracteriza por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional – atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a Segunda Guerra Mundial e o término da Guerra Fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) internacionalização da educação superior, posterior à Guerra Fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior. (MOROSINI, 2006, p. 27).

Aproximadamente na década de 1980, o termo internacionalização é definido por atividades que compreendem estudos no exterior, acordos institucionais e outras noções. Já nos anos 1990, há uma grande mudança marcada por novas características para a internacionalização do ensino superior, compreendendo uma série de atividades mais amplas, como o crescente número de estudantes, professores e pesquisadores realizando mobilidade acadêmica; maior interesse em temas internacionais e pesquisa colaborativa; aumento do número de cursos, programas, entre outros aspectos. (KNIGHT, 2008).

Na década de 1990, conforme apontam Castro e Cabral Neto (2012), a internacionalização da educação superior despertou grande interesse nos diversos países. A necessidade de inserção dos países na sociedade do conhecimento, a redução dos custos de

formação, o melhor aproveitamento da infraestrutura acadêmica, e do desenvolvimento da comunicação e da informação demandou à internacionalização uma nova reconfiguração: o papel de produção e propagação do conhecimento.

Com a integração da diversidade cultural com a universalidade científica por meio de suas várias formas de internacionalização, é que as universidades se compõem e se posicionam no atual mundo globalizado (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012). É importante destacar, que foi a partir do século XXI que a globalização suscitou, de forma aligeirada, uma crise pluridimensional, que é de sentidos, de valores e de paradigmas, afetando, com isso, as funções da educação, enquanto formação e produção do conhecimento (DIAS SOBRINHO, 2005).

Nesse contexto, a universidade luta por sua sobrevivência que, segundo Stallivieri (2002), faz-se necessário internacionalizar a fim de poder competir em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras. Referente a essa luta, Pereira (2009) dialoga sobre a invencibilidade da universidade, que em todas as épocas e localidades se coloca no seu tempo, a serviço deste e prospecta o futuro de seu tempo, sem ter vendido a sua alma, ou seja, consegue conservar a função que lhe é própria. O autor ainda afirma que, talvez essa é a luta que as IES deverão travar hoje, para fazer frente a demandas mais diferentes, mais imediatas e menos conciliatórias.

Assim, conforme Pereira e Heinzle (2017), evidencia-se o protagonismo da internacionalização nas políticas públicas do século XXI, uma vez que a universidade se firmou em meio à sociedade capitalista e à globalização, destacando a importância de se pensar em um novo modelo de universidade pautado na interculturalidade e na integração internacional. Nesse sentido, Azevedo (2016) relembra que a educação superior não é internacional por sua própria natureza, porém,

A internacionalização é historicamente construída e necessita de atores sociais comprometidos e de iniciativas, incentivos, movimentos e políticas, de Estados e autoridades regionais (Europa, Mercosul...) para sua emulação, financiamento e efetivação. [...] A internacionalização é um processo de integração, fundado na interculturalidade que fortalece e evidencia, em escala regional e global, as atividades fins das instituições de educação superior. (AZEVEDO, 2016, p. 85-86).

O conceito de “internacionalização da educação superior”, como um processo abrangente, é recente afirma De Wit (2013). Até os anos 90, o termo utilizado era o de “educação internacional”, num sentido fragmentado e marginal, relacionado a atividades pontuais, sem relação entre si, tais como orientação de alunos e estudos no exterior.

Até recentemente, a “internacionalização” no sentido da “educação internacional” era predominantemente um fenômeno ocidental, e os países em desenvolvimento desempenhavam nele um papel relativo. As economias emergentes e a comunidade de educação superior de outras partes do mundo estão alterando a paisagem da internacionalização. Afastando-se do conceito ocidental e neocolonial, que orienta a percepção de “internacionalização” de muitos educadores, este princípio precisa incorporar estas visões diferentes e emergentes. (DE WIT, 2013, p. 70).

De Wit (2013) também assinala a necessidade de se repensar a concepção de internacionalização e faz uma crítica quanto à visão fragmentada do conceito, quando este é associado apenas à educação internacional. Para o autor, a internacionalização extrapola a conexão entre países, “envolvendo relações entre culturas e entre o global e o local”. (DE WIT, 2013, p.71). Dessa forma, compreende o processo como meio para a qualificação do ensino e da pesquisa, criticando as metas quantitativas que muitos atribuem à internacionalização, reduzindo suas análises a “entradas” e “saídas” através de números.

Dessa forma, ao relacionar o caráter da integração internacional (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012) à necessidade de internacionalizar para competir (STALLIVIERI, 2002) frente às demandas atuais, destaca-se que, a internacionalização da educação superior se baseia “em dois princípios contraditórios: a solidariedade internacional e a concorrência em um mercado global de educação e conhecimento” (AZEVEDO; CATANI, 2003, p.285).

Nesse viés, Azevedo (2007) enfatiza que, a definição de internacionalização está para além do rompimento de fronteiras, mas pressupõe a integração e a cooperação solidária ou as vias de competitividade.

A internacionalização não é um fenômeno metafísico de transposição de fronteiras, mas, sim, um complexo processo de integração a um campo acadêmico mundializado em que os diversos atores sociais travam relações com vistas a intercambiar, a cooperar e a compartilhar solidariamente (ou, opostamente, a competir) no âmbito de suas ações sociais e espaços de influências no que se relaciona ao conhecimento, à ciência, à técnica, às artes e à cultura. (AZEVEDO, 2007, p. 876).

A perspectiva mercadológica, que perpassa pelo contexto educacional, está modificando os princípios das universidades buscando respostas que atendam às suas necessidades. Para Morosini (2006, p. 111), “as determinações do mercado de trabalho sobre a universidade vêm transformando os princípios delas, como apontado em inúmeros trabalhos, não só internacionais, mas nacionais”.

A partir dessa lógica, segundo Lima e Maranhão (2009), a internacionalização pode circundar a mobilidade de pessoas, mas também a de serviços no exterior (realização de cursos de curta e longa duração); a prestação de serviços educacionais no exterior (prestação de serviços temporários em outros territórios); a oferta transfronteiriça de serviços (mobilidades de programas de formação presenciais ou a distância); presença comercial (mobilidade de serviços).

Já na concepção de Knight (2008), a internacionalização da educação superior tem por objetivo a integração da dimensão internacional e intercultural ou global dentro das propostas e funções tradicionais da universidade (ensino, pesquisa, serviços), incluindo a oferta de programas educacionais de educação superior. Tal conceito está relacionado à capacidade da instituição de educação superior em tornar-se internacional. Portanto, a internacionalização abarca as políticas e os programas específicos organizados em diferentes níveis: governos,

instituições acadêmicas, e mesmo pela iniciativa individual de departamentos e instituições, para se adaptar ou para explorar de forma criativa os desafios impostos pela globalização. (PINTO et al., 2017).

Além disso, para Knight (2012, p.65), a internacionalização deve considerar o objetivo de prover benefícios à sociedade, em diferentes instâncias:

A internacionalização pode, por exemplo, ajudar no desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e dos valores internacionais e interculturais entre os estudantes – por meio das melhorias no ensino e no aprendizado, da mobilidade internacional e de um currículo que inclua elementos comparativos, internacionais e interculturais. O objetivo não é um currículo mais internacionalizado nem um aumento na mobilidade acadêmica por si mesma. Em vez disso, o objetivo é garantir que os estudantes estejam mais preparados para viver e trabalhar num mundo mais interconectado. A compreensão da internacionalização como um meio para se atingir um fim e não como um fim em si garante que a dimensão internacional seja integrada de maneira sustentável às principais funções do ensino e do aprendizado no ensino superior, da pesquisa e da produção do conhecimento, melhor servindo à comunidade e à sociedade. (KNIGHT, 2012, p.65).

Assim, a internacionalização tem o potencial de contribuir para a qualidade da educação superior e a construção e a disseminação de conhecimentos de modo igualitário e socialmente responsável. Igualmente, pode ser instrumento para a ampliação do capital cultural individual e coletivo. A expectativa, amplamente compartilhada, é de que a internacionalização contribuirá para a qualidade e relevância da educação superior em um mundo mais interligado e interdependente. Entretanto, entende-se que o processo de internacionalização precisa ser revisto e constantemente avaliado (KNIGHT, 2008).

Para Cunha (2011), internacionalização da educação superior significa a criação de interstícios permanentes e temporários entre estudantes, e entre eles e professores que pertencem a diferentes países. Para isso, é preciso a construção de acordos internacionais e de um processo institucional que permita a presença do estudante estrangeiro nos espaços da educação superior. Portanto, deve-se buscar constantemente um diálogo entre culturas e nações e seus diferentes modos de ensinar e aprender.

Sob a ótica dos conceitos apresentados, podemos analisar que a internacionalização da educação superior é um processo complexo, entendido a partir de concepções díspares, resultando dos esforços das instituições de educação superior em tornarem-se internacionais, mas que também é resposta para as novas demandas exigidas para este nível de ensino. Segundo Nascimento (2017), o conceito de internacionalização é multifacetado, pois é amplo, e envolve também o currículo, as políticas e a integração entre ensino, pesquisa, extensão e serviços institucionais, entre outros aspectos. Ainda, segundo a autora, a inserção internacional de alunos, professores, gestores e serviços pode contribuir para a aquisição de novos conhecimentos e habilidades quando convergem num movimento de cooperação e não apenas fomentem a competição entre as universidades, pois esse processo prevê, prioritariamente, a colaboração mútua.

Nessa perspectiva, ainda que a URI precise caminhar muito nesse terreno, ela possui hoje¹, firmados, 36 convênios com instituições de diferentes países da Europa, América Latina e Estados Unidos, envolvendo ensino, pesquisa, extensão, mobilidade acadêmica e cooperação internacional. No espaço da pós-graduação *stricto sensu*, somente na área da educação são 12 universidades com as quais estão sendo desenvolvidos eventos, participação em grupos de pesquisa, mobilidade docente e discente, estudos de pós-doutoramento, participação em bancas de mestrado e doutorado, dentre tantos outros. Por esse prisma, não podemos esquecer de mencionar o grande propulsor do processo de internacionalização, especialmente envolvendo os acadêmicos, que foi o programa Ciência sem Fronteiras, financiado pelo Governo Federal que possibilitou a muitos jovens alunos e professores fazerem intercâmbio de conhecimentos o que qualificou muito os cursos e as universidades, despertando o desejo de viver a experiência em muitos jovens que, sequer, sonhavam em sair do país.

Embora estando imersa no processo de internacionalização e já tendo avançado nele, uma das dificuldades que percebemos na URI, diz respeito ao armazenamento dos dados referentes à internacionalização em um único espaço. A realização de ações de diferentes âmbitos e nos diferentes Campi, faz com que, nem sempre, os dados referentes a elas estejam centralizados na Reitoria o que pode impactar nos números apresentados no Relatório Anual de Atividades da instituição, demonstrando, até mesmo, grandes disparidades em termos de número de ações de um Campus para outro. Por conta disso, esses números não representam, necessariamente, o que acontece em termos de internacionalização, como podemos ver nas tabelas abaixo, que mostram números importantes de alunos e professores que fizeram algum tipo de intercâmbio e da participação em diversas atividades/eventos, mas não, necessariamente, externem a realidade, é possível que muito mais ações sejam desenvolvidas no campo da internacionalização.

Quadro 1. Intercâmbios no exterior

INTERCÂMBIOS NO EXTERIOR								
Instituição Estrangeira	País	Participantes						Total
		Da própria IES			Recebidos na URI			
		Docentes	Alunos	Técnico-Administrativos	Docentes	Alunos	Técnico-Administrativos	
Escola de Idiomas Kaplan	Canadá	01	06	-	-	01	-	08
Universidade Pedagógica	Moçambique	-	01	-	-	-	-	01
Universidad Uniaustiniana	Colômbia	01	-	-	-	02	-	03
Universidad La Gran Colombia	Colômbia	-	-	-	-	01	-	01
Università di Salerno	Itália	-	01	-	-	-	-	01
Università di Perugia	Itália	-	07	-	-	-	-	07
Università di Camerino	Itália	-	01	-	-	-	-	01
Universidade de Stuttgart	Alemanha	01	-	-	-	-	-	01
TOTAL		03	16	-	-	04		23

Fonte: Relatório de Atividades 2018 – URI

¹ Ano de escrita desse artigo (2018)

Quadro 2. Internacionalização

INTERNACIONALIZAÇÃO							
Participação em Atividades/Eventos Internacionais							
Atividade de Internacionalização	CÂMPUS ENVOLVIDO/PARTICIPANTE						TOTAL
	ERE	FRE	SAN	SAT	SLG	CL	
Seminário	02	07	06	02	02	-	19
Congresso	21	12	15	01	01	-	50
Visita Técnica	-	09	-	-	-	-	09
Palestra	-	04	09	01	01	-	15
Curso/Minicurso/Aula	-	23	01	-	-	-	24
Videoconferência	04	-	-	-	-	-	04
Colóquio	01	09	-	-	01	-	11
Simpósio	-	01	04	-	02	-	07
Conferência	-	02	05	-	-	-	07
Encontro	-	-	06	-	-	-	06
Workshop	-	02	-	-	-	-	-
Oficina	-	160	-	-	-	-	160
Fórum	-	-	01	01	-	-	02
Convenção	01	-	-	-	-	-	01
Debate	-	-	-	-	-	-	-
Reunião	-	22	03	02	-	-	27
Intercâmbio	01	13	-	01	-	-	15
TOTAL	30	264	50	08	07	-	359

Fonte: Relatório de Atividades 2018 – URI

Os dados ainda são incipientes, no entanto, já permitem avaliarmos a experiência da internacionalização na URI como espaço muito importante para acadêmicos, professores e, principalmente, para a instituição que se torna conhecida em outros contextos e cenários, mas, especialmente, que tem a oportunidade de mostrar o que faz e como faz e de aprender como os outros fazem e como fazem o ensino, a pesquisa, a extensão e como todos eles são permeados e atravessados pela internacionalização.

Portanto, a afirmação de Morosini (2006, p.18), de que “a internacionalização é a marca das relações entre as universidades” é uma verdade, que se caracteriza por tudo o que já afirmamos, mas também, remete-nos a ficarmos atentos, especialmente, em tempos de crise pluridimensional, acelerada globalização e mercantilização da educação, para que a comunidade acadêmica visualize no processo de internacionalização da educação superior não somente a ideia de uma possível futura quarta missão para a universidade, como proclamam Santos e Almeida Filho (2012), mas que instiguem, também, reflexões sobre o futuro da universidade e o papel da internacionalização nesse futuro com suas mais variadas possibilidades (PEREIRA; HEINZLE, 2017).

Finalizando... Sobre Desafios

Ainda que tenhamos clara a polissemia que cerca o conceito de internacionalização, sua institucionalização e consolidação ainda se constituem em desafios para instituições como a URI, por sua constituição de Universidade Comunitária, que vive das mensalidades pagas por seus alunos, através das quais precisa financiar o ensino, a pesquisa, a extensão e, mais recentemente, a internacionalização. As instabilidades políticas e econômicas do Brasil impactam diretamente no cenário educacional e, não poderia ser de outra forma na URI.

Nessa perspectiva alguns desafios principais se impõem: 1. O entendimento de todos os envolvidos com a Universidade sobre o que seja a internacionalização; 2. Tendo esse entendimento, manter os dados sobre internacionalização sempre atualizados e situados num único espaço; 3. Entender a internacionalização não como um fim em si mesma, mas como a possibilidade de ampliar oportunidades de aprendizagem seja no campo do conhecimento, da cultura, da sociedade, da economia, enfim, sob todos os vieses possíveis; 4. E o último, mas não menos importante, é a inserção da internacionalização no orçamento da Universidade para que ela possa se efetivar para além de programas e/ou políticas que emanem dos governos.

Dessa maneira, promover possibilidades de internacionalização, reveste-se, hoje, de um grande desafio se considerarmos os poucos recursos de que dispomos para tal feito. De outra parte, ainda que com dificuldades, temos avançado nos processos, não na velocidade que a Instituição almejava, mas na velocidade que as condições permitem. Nesse particular, nossa crença na internacionalização como espaço que se transversaliza com o ensino, a pesquisa e a extensão, tem nos possibilitado experiências, não somente exitosas, no sentido de estarmos conseguindo desenvolver diversos processos, como também, temos testemunhado uma característica muito própria desse *locus* que é a solidariedade entre instituições e países.

Nesse particular, seja pela via dos grupos de pesquisa através dos quais vamos qualificando, teoricamente as instituições, construindo parcerias, fazendo amigos, encontrando espaços intelectuais, seja pela via dos eventos onde os encontros intelectuais são sempre motivadores de novas reflexões, de novas buscas, de novas construções, seja pela via da mobilidade de estudantes e professores, que engrandecem a Universidade pelas experiências vividas que, muitas vezes, transformam-se em novos projetos, novas possibilidades de trocas, seja pela via que for, a internacionalização é uma realidade sem volta que tem nos desafiado, especialmente a nos repensarmos como instituições, a sermos mais sensíveis ao outro e a construirmos juntos novos espaços para a educação superior. Eis os desafios... a internacionalização tira-nos do lugar comum, desacomoda-nos, instiga-nos e propõe-nos. Sigamos no processo para que ele nos conduza, sempre, a novas experiências.

Referências

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A educação superior em tempos de internacionalização: cinco mitos, nove enganos e cinco verdades. *In*: CUNHA, Célio da; SOUSA, José Vieira de; SILVA; Maria Abádia da (Org.). **Internacionalização da educação: discursos, práticas e reflexos sobre as políticas educativas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A integração dos sistemas de educação superior na Europa: de Roma a Bolonha ou da integração econômica à integração acadêmica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. esp., p. 133-149, dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/731>. Acesso em: 12 maio 2018.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de; CATANI, Afrânio Mendes. Educação superior, internacionalização e circulação de ideias: ajustando os termos e desfazendo mitos. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v.38, n.2, p.273-291, mar. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/26103>. Acesso em: 22 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação- PNPG 2011-2020**. Brasília, DF: CAPES, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **A internacionalização da universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. Brasília, 31 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2018.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024. [Recurso Eletrônico]:** Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE), e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antonio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, Portugal, v. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>. Acesso em: 26 mai. 2018.

CUNHA, Maria Isabel da. A qualidade do ensino superior em tempos de democratização – a relação ensino e pesquisa. *In*: LEITE, Carlinda; PACHECO, José Augusto et al. **Políticas fundamentos e práticas do currículo**. Porto: Porto Editora, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. **Internacionalização e democratização: uma tensão na qualidade da educação superior?** São Leopoldo: Oikos, 2016.

DE WIT, Hans. Repensando o conceito da internacionalização. *International Higher Education*, n. 70, inverno 2013 (Hemisfério Norte). Edição brasileira. **Ensino Superior Unicamp**, Campinas, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/repensando-o-conceito-da-internacionalizacao>. Acesso em: 8 maio 2018.

DIAS SOBRINHO, José. Educação Superior, globalização e democratização. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 28, p. 164-173, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100014. Acesso em: 25 maio. 2018.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled definition, approaches and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v.8, n.1, 2004. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315303260832>. Acesso em: 2 jul. 2018.

KNIGHT, Jane. Cinco verdades sobre internacionalização. *International Higher Education*, n. 69, inverno 2013 (Hemisfério Norte). Edição brasileira. **Ensino Superior Unicamp**. Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp>.

br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao. Acesso em: 17 jul. 2018.

KNIGHT, Jane. **Higher education in turmoil**: The changing world of internationalization. Ontario Institute for Studies in Education, University of Toronto, 2008. Canadá. Disponível em: <https://www.sensepublishers.com/media/475-higher-education-in-turmoil.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

KNIGHT, Jane. **Internationalization**: Elements & checkpoints. Ottawa: Canadian Bureau for International Education, 1994.

KNIGHT, Jane. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, Boston, n. 33, Fall, p. 2-3, 2003. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/7391/6588>. Acesso em 17 jul. 2018.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 583-610, nov. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n3/a04v14n3>. Acesso em: 26 abr. 2018.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a De Wittgenstein. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MESQUITA, Anabela; CASTILHO, Olímpio. Os desafios da internacionalização do ensino superior – um caso de estudo. p. 35 - 51. In: CABRITO, Belmiro; CASTRO, Alda; CERDEIRA, Luísa; CHAVES, Vera Jacob. (Org.). **Os desafios da expansão da educação em países de língua portuguesa**: financiamento e internacionalização. 1ª ed. Lisboa: Educa e autores, 2014.

MORGADO, José Carlos. **Processo de Bolonha e Ensino Superior num mundo globalizado**. Campinas: Educ. Soc., 2009.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do Conhecimento sobre internacionalização da educação superior – conceitos e práticas. **Educar**. Curitiba, n. 28, p. 107-127, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2017.

NASCIMENTO, Maria Emanuele Macêdo do. **A internacionalização do ensino superior e a formação inicial de professores**: um estudo do Programa Licenciaturas Internacionais na UFRN (2010 - 2013). Natal, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24569/1/MariaEmanueleMacedoDoNascimento_DISSERT.pdf. Acesso em: 3 maio 2018.

PAETZOLD, Ophelia Sunpta Buzatto; CANAN, Silvia Regina. **URI 25 anos**: universidade regional, comunitária e integrada. Frederico Westphalen: URI, 2017.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. (Org.). **Universidade Contemporânea**: políticas do Processo de Bolonha. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. A universidade da modernidade nos tempos atuais. **Avaliação**, Sorocaba, SP, v.14, n.1, p.29-52, mar.2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772009000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 jul. 2018.

PEREIRA, Pablo; HEINZLE, Marcia Regina Selpa. A internacionalização da educação superior e o plano nacional de educação 2014-2024: diretrizes, metas e estratégias. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v.3, n.1, p.186-202, jan/abr.2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650582>. Acesso em: 8 maio 2018.

PINTO, Marialva Moog; ROCHA, Maria Aparecida Marques da Rocha; VOLPATO, Gildo. Internacionalização na educação superior: docentes brasileiros e suas percepções e práticas em espaço africano. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Internacionalização e democratização: uma tensão na qualidade da educação superior?**. 2. ed. ampl. São Leopoldo: Oikos, 2017.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A quarta missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SANTOS FILHO, José Camilo. Internacionalización de la educación superior: redefiniciones, justificativas y estrategias. **España Pedagógica**, v.25, n.1, Passo Fundo, p. 168-189, jan./abr. 2018. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep. Acesso em: 15 jan. 2019.

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira: revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**, Brasília, v.24, n.48, p.35-57, 2002. Disponível em: <http://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA JUNIOR, João dos Reis; KATO, Fabíola Bouth Grello. A política de internacionalização da Educação Superior no Plano de Pós-Graduação (2011-2020). **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v.2, n.1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650541>. Acesso em: 3 maio 2018.

STALLIVIERI, Luciane. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. Caxias do Sul: Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais. 2003. Disponível em: <http://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.

UNESCO. **Declaração mundial sobre Educação Superior no século XXI: visão e ação-1998**. Paris, 1998.